

filhas de Hera e senhoras de dores amargas – 4

Estes versos, afirmam-no as mulheres, não foi Homero que os escreveu, mas uma Homerida⁵, depois de dar à luz ou quando ainda estava em trabalho de parto e suportava os apertos das dores do ventre, agudas e lancinantes. Todavia, o natural amor aos filhos comove e impele a mãe: ainda quente, em pleno sofrimento e a tremer de dores, não descuro o recém-nascido nem o evita; volta-se, sim, para ele, sorri-lhe, pega-o e beija-o – não por estar a usufruir de um prazer ou de um benefício, mas, ao recebê-lo com dor e sofrimento, é com os paninhos dos cueiros que o aquece e acaricia, alternando assim o padecimento da noite com o do dia.

CARMEN SOARES

⁴ Usamos a tradução de Frederico Lourenço (*Homero. Ilíada*. Livros Cotovia. Lisboa 2005, vv. 269-271, p. 226).

⁵ O emprego que Plutarco faz do antropónimo Homerida não é aquele que lhe davam os Antigos, ou seja, o de nome atribuído a um grupo de homens, que, tal como Homero, eram também aedos.

A PERIGOSA POLISSEMIA DE ἄδάμας

1. De um modo geral, as palavras das línguas clássicas gozam de uma vastíssima extensão semântica; muito graças à economia lexical que as define, mas também porque foi no seio das civilizações em que se desenvolveram que foram forjados, pela primeira vez, variadíssimos conceitos e cunhados alguns termos técnicos, nas mais diversas áreas do saber, que ainda hoje insistem em sobreviver na ciência moderna. No entanto, ao contrário do nosso tempo, que carrega consigo uma herança milenar de pensamento especulativo e consciência científica, a Antiguidade Grega (refiro-me aos Períodos Arcaico e Clássico) partiu de uma tradição oral e marcada pelo saber ancestral transportado nos mitos. Por essa razão, os termos que começavam a ser atribuídos a um conceito ou objecto em particular carregavam ainda consigo os sentidos primordiais; para nós, estudiosos desse tempo, esta flutuação terminológica pode encerrar vários perigos de ordem hermenêutica, cujo reflexo mais evidente se manifesta na sua versão para as línguas modernas.

Um caso paradigmático deste tipo é o substantivo ἄδάμας, formado pela anteposição de ἄ privativo ao verbo δαμάζω – palavra esta que se situa no âmbito semântico de “subjugar”/“quebrar”; assim, ἄδάμας significará, de modo genérico, “algo que não pode ser subjogado/quebrado”. Contudo, ao averiguarmos alguns contextos em que ocorre, verificamos que, na maior parte dos casos, se refere a uma substância em concreto, flutuando entre um metal, nalguns casos, e um mineral, noutros. Mas ainda mais flutuante é o seu referente, pois tanto pode representar um metal/mineral real, como denominar uma substância mitológica cujos utilização e manuseamento estão restritos aos deuses. Esta vertente mais ficcional da palavra potenciou um uso metafórico da dita substância, a qual, em alguns contextos literários, é metonimicamente recuperada, assumindo ἄδάμας um significado mais próximo do seu sentido genérico de “algo indomável/inquebrável”.

Assim, dada a heterogeneidade dos vários contextos em que o mesmo termo ocorre e das distintas implicações semânticas que cada um deles denuncia, seremos obrigados a traduzi-lo de modos analogamente diferenciados.

2. Em contextos mitológicos, formulados e transmitidos pela poesia lírica e dramática, ἀδάμας refere-se a um metal usado pelos deuses para as mais diversas finalidades. A partir do sentido original (“indomável/inquebrável”), este termo designa a substância mais resistente de todas, mas circunscrita à esfera de acção divina, o que, por si só, implica que adequemos a sua tradução a esta acepção; no fundo, estará no mesmo nível de adequação que palavras como ἀμβροσία, o néctar dos deuses, que simplesmente transliteramos em “ambrósia”. Desta forma, parece adequado aplicar a mesma metodologia a ἀδάμας, vertendo-a por “adamante”, sempre que ocorra em contextos mitológicos.

Os casos em que a palavra designa esse metal usado pelos deuses são variados; vejamos apenas alguns.

A primeira ocorrência deste tipo aparece na *Teogonia* (161-162) de Hesíodo¹:

αἴψα δὲ ποιήσασα γένος πολιοῦ ἀδάμαντος
τεύξε μέγα δρέπανον (...)

De súbito criou a espécie do brilhante adamante
e forjou uma enorme foice (...)

Perante o inesgotável desejo sexual de Úrano, Geia decide criar o adamante, material a partir do qual fabricará uma foice com que Cronos há-de castrar o pai e impedir que tenha mais filhos.

No *Escudo de Hércules* (231-233), de Pseudo-Hesíodo, o adamante é o material de que é feito o escudo de Perseu:

(...) ἐπὶ δὲ χλωροῦ ἀδάμαντος
βαινουσέων ἰάχεσκε σάκος μεγάλῳ ὀρυμαγδῷ
ὄξεα καὶ λιγέως (...)

(...) quando sobre o adamante brilhante
elas investiram, o escudo retumbou num enorme estrondo,

¹ Em Homero a palavra ἀδάμας nunca é utilizada; aparece, sim, o adjectivo ἀδάμαστος no Canto IX (v. 158) da *Ilíada*, com o sentido de “inflexível”, utilizado por Agamémnon para caracterizar o deus Hades que compara a Aquiles, pelo facto de não se deixar persuadir a combater de novo.

de forma aguda e distinta; (...)

De nada serve a fúria vingadora das Górgonas, encolerizadas pela morte de Medusa, que, contra a solidez do adamante, nada mais obtêm senão um estrondo. Para além do escudo, também de adamante seria a foice com que o mesmo Perseu degolou a Górgona Medusa, segundo nos diz Eratóstenes (*Cat.* 1.22), citando uma tragédia perdida de Ésquilo sobre as filhas de Fórcis. Ainda em Ésquilo temos outra referência a esta substância: no *Prometeu Agrilhoado* (6, 64, 148, 426), as grilhetas que acorrentam o deus que ofendeu Zeus com a oferta do fogo aos homens são também elas feitas de adamante.

Noutro contexto, Teócrito refere o adamante num idílio, dizendo que é deste material que são feitas as portas do Hades (2.34).

Em todos os exemplos que referimos, é evidente a noção de invencibilidade daquele material: só “algo que ” não pode ser subjugado/quebrado” poderá revelar-se eficaz para castrar o deus dos deuses (como era, naquela fase, Úrano), matar a Medusa e proteger das restantes Górgonas vingadoras, acorrentar Prometeu, bem como manter o reino dos mortos impenetrável. A resistência do material ultrapassa inclusivamente os poderes dos próprios deuses que, uma vez submetidos à sua força, se mostram impotentes para o subjugar. É desta noção de invencibilidade, impenetrabilidade e inflexibilidade que hão-de resultar os sentidos metafóricos cunhados em contextos literários desprendidos da esfera mitológica.

3. Nos casos em que o uso de ἀδάμας é metafórico, o referente directo não será, obviamente, o metal mitológico; a própria condição de metáfora, entendida como comparação implícita, obriga a que esse referente seja tido apenas como limite de significados. Ainda assim, para que fique salvaguardado na tradução o teor metafórico, a opção mais viável será verter ἀδάμας também por “adamante”, contanto que fique garantida a noção de comparação implícita.

Deste tipo de sentido dá-nos conta do primeiro testemunho o mesmo Hesíodo; em *Trabalhos e Dias* (147), ao referir os homens que Zeus criou para a Idade de Bronze, diz que os fez com “o ânimo de adamante” (ἀδάμαντος ἔχον θυμόν). Neste caso, é evidente que não se trata da substância em si, mas sim das suas qualidades; moralmente, aqueles homens partilhavam das características do mineral/metal mitológico e, como ele, não

se deixavam domar nem tampouco era suposto que vergassem às mãos de ninguém. Por outro lado, seriam também inflexíveis, como o adamante, impassível de ser dobrado ou manipulado.

Já no contexto da poesia lírica, encontramos um uso metafórico da palavra com interesse acrescido. Numa *Ode Pítica*, Píndaro diz (4.71):

τίς δὲ κίνδυνος κρατεροῖς ἀδάμαντος
δῆσεν ἄλλοις; (...)

Que perigo semelhante a cavilhas de adamante os agrilhoava?

No que respeita ao conteúdo deste verso, é quase unânime que o “perigo” que Píndaro refere tem que ver com o episódio entre Pélias e Jasão². Relembremos o mito: um dia que Pélias, rei de Iolco, decidiu oferecer um sacrifício a Poséidon, para o qual convocou a grande maioria dos súbditos, Jasão, seu sobrinho, que vivia nos campos, dirigiu-se apressado para o local e, no caminho, perdeu uma sandália. Quando Pélias o viu, lembrando-se de um oráculo antigo segundo o qual devia desconfiar de um homem que visse só com uma sandália, perguntou-lhe o que ele faria a quem sabia estar destinado a destroná-lo do poder; como Jasão respondeu que o mandaria em busca do velo de ouro, Pélias assim lho ordenou. No entanto, mais interessante do que o conteúdo do verso é a forma como o poeta caracteriza aquela noção de perigo: “semelhante a cavilhas de adamante”. Será inevitável estabelecer a ligação com os passos de Ésquilo sobre as grilhetas de Prometeu, mas enquanto que no anterior se trata claramente do metal mitológico, neste é evidente o teor metafórico; ainda assim, ambos têm uma noção de irredutibilidade, quase que uma condição trágica de ter que cumprir um castigo: Prometeu agrilhado no rochedo e Jasão em busca do velo de ouro.

Um outro caso temo-lo em Heródoto; nas *Histórias* (7.114.14), o autor cita um oráculo proferido pela Pítia de Delfos a pedido dos Atenienses que não tinham ficado satisfeitos com um anterior; antes de iniciar o seu discurso, a sacerdotisa diz:

οἱ δὲ τόδ' αὖτις ἔπος ἔρεω, ἀδάμαντι πελάσσας.

² É desta opinião Farnell 1965: 154.

Ainda assim, proferir-te-ei novamente um oráculo que firmei como adamante.

Visto que o primeiro decreto fora prejudicial aos Atenienses, pois prenunciava a destruição completa da Grécia trazida pelos Persas, aqueles agora apresentavam-se como suplicantes para pedir um outro. Então, a Pítia, de modo a reclamar fidelidade para o seu discurso, bem como intransigência, compara a segurança e inflexibilidade das suas palavras às do adamante. De facto, a interpretação correcta deste segundo veredicto por parte de Temístocles confirmou esse seu carácter adamantino.

Em ambos os contextos, mitológico e metafórico, o referente de ἀδάμας não pode ser identificado: no primeiro caso situa-se num espaço e tempo inacessíveis – os do mito e do divino; quanto ao segundo caso, cujo referente é, em boa verdade, o do primeiro mediado pelo agente metafórico, os problemas que se lhe colocam são os mesmos. Não obstante, o facto de em todos os casos ἀδάμας se referir, mais directa ou indirectamente, a um mineral/metall permite uma outra abordagem: tentar perceber que substância deu origem àquelas construções literárias. Para isso, procuremos algumas respostas nalguns textos em que ἀδάμας se refira a algo identificável na realidade factual.

3. Não são muitas as ocorrências de ἀδάμας cujo referente seja uma substância em concreto; ou, dito de outro modo, há muitas referências, mas a maior parte delas – as mais tardias – apenas repete o conteúdo das precedentes. Ainda assim, um tão reduzido número de material textual é suficiente para levantar diversas questões, das quais destaco como principal a seguinte: em que consiste, afinal, o material designado por este misterioso termo? Como veremos, a resposta é plural: este mesmo termo é utilizado indiscriminadamente para definir mais do que uma substância; além disso, em virtude de os conhecimentos sobre mineralogia estarem ainda, naquele tempo, numa fase embrionária, é extremamente difícil apurar com exactidão a substância a que cada contexto se reporta. Por esse motivo, a opção de tradução mais adequada será simplesmente transliterar a palavra grega: *adamas*.

Curiosamente, a primeira reflexão sobre esta acepção de ἀδάμας surge num diálogo de Platão. No *Timeu* (59b4-5), quando aborda a formação e as características dos metais, diz:

χρυσοῦ δὲ ὄζος, διὰ πυκνότητα σκληρότατον ὄν καὶ μελανθὲν, ἀδάμας ἐκλήθη.

Quanto ao rebento do ouro, que é muito duro em virtude da sua densidade e de cor negra, é chamado *adamas*.

O facto de Platão utilizar a expressão “rebento do ouro” (χρυσοῦ δὲ ὄζος), a qual Plínio recuperará mais tarde na sua *História Natural* (*auri nodus*: 37.55.3), implica que esta substância se encontrasse juntamente com o ouro e dele fosse separada por meio de algum processo mecânico. Com efeito, cruzando este passo com um outro do *Político* (303e), no qual a substância é descrita sensivelmente do mesmo modo, esta suspeita esclarece-se, pois é dito que o bronze, a prata e o *adamas* são separados do ouro por acção do fogo. Aliada ao facto de ser apontada uma cor escura, esta conclusão aponta no sentido de se tratar de hematite, um mineral escuro e muitas vezes presente juntamente com o ouro, como parecem concordar grande parte dos autores³. Ainda assim, esta teoria não é absolutamente incontestável, pois há ainda quem considere poder tratar-se de outros minerais, como por exemplo a platina⁴.

Mais tarde, Teofrasto, no tratado *Sobre as Pedras* (19), refere-se muito brevemente ao *adamas* como sendo um mineral muitíssimo resistente. E desta referência parece partir Plínio (*História Natural* 37.55-61) para expor longas considerações acerca do mineral, que subdivide em diferentes subespécies; sabemos hoje que, no caso de Teofrasto, muito provavelmente se tratava de corindo⁵, um mineral extremamente resistente; quanto a Plínio, referir-se-á, na maior parte dos casos, também ao corindo, mas igualmente a outros minerais, como a platina ou o esmeril, os quais confunde com variantes de *adamas*⁶.

Quer nos casos de Platão e Teofrasto, quer em alguns dos contextos mitológicos, é convidativa a identificação de ἀδάμας com o diamante; não só pela questão etimológica (o étimo latino de “diamante” – *adamans*,

³ Vide Cornford 1937: 252, Halleux 1974: 91, Rowe 1995: 236.

⁴ Saint-Denis 1972: 147.

⁵ Vide Caley & Richards 1956: 92.

⁶ Vide Saint-Denis 1972: 146-sq.

adamantis – é uma simples transliteração do termo grego adaptada à morfologia latina), mas principalmente por algumas das características deste mineral coincidirem com as que os autores atribuem à misteriosa substância: de todos os exemplos citados, ressalta a suprema dureza ou resistência do material, e, como sabemos hoje, o diamante é o mineral mais duro e resistente de todos; quanto ao aspecto, é descrito, por exemplo, no *Escudo de Hércules* como algo brilhante, imagem essa que está muitíssimo próxima do arquétipo moderno do diamante.

Contudo, diversos factores concorrem para a negação absoluta dessa possibilidade. Em primeiro lugar, são os próprios textos que nos dão os dados necessários para deduzir que o mineral em causa não é o diamante; no caso do *Timeu* de Platão, por exemplo, é dito que ἀδάμας é um “rebento do ouro” (χρυσοῦ δὲ ὄζος): sabendo que o diamante e o ouro são ambos elementos nativos, é evidente que um não poderá dar origem ao outro. Mas mais importante ainda é o facto de os diamantes terem chegado à Europa numa fase bastante posterior.

Em primeiro lugar, até ao séc. VI d.C., a Índia era o único ponto do mundo em que havia extracção de diamantes⁷, o que elimina a hipótese de qualquer um dos testemunhos mineralógicos que citámos se referir a esta substância. Em segundo lugar, mesmo que quiséssemos acreditar que as referências à pedra de aspecto brilhante se justificariam pela importação deste material da Índia, ainda que seja quase certo que só entre o séc. I a.C. e I d.C. tenha chegado ao Mediterrâneo⁸, o problema mantinha-se, pois a lapidação – a única forma de dar brilho ao diamante em bruto – é um processo bastante recente: a primeira evidência documental é de 1465, em Bruges, na actual Bélgica⁹.

A hipótese da importação é confirmada por Plínio que, na *História Natural* (37.56.2-3), fala de uma substância originária da Índia não gerada no ouro (*non in auro nascentis*) e de natureza semelhante à do cristal (*quadam crystalli cognatione*); é muito provável que se refira ao diamante (embora o considere uma das seis variantes do *adamas*: *genera sex*). Visto que este é o testemunho mais antigo de que dispomos da importação de diamantes, devemos partir do princípio de que só o texto do *Escudo de Hércules*, o único

⁷ Apud Harlow 1998: 117.

⁸ Vide Harlow 1998: 124.

⁹ Apud Harlow 1998: 131.

posterior a Plínio, poderia ter por referente o diamante. No entanto, como nele são mencionadas as características que pressupunham o processo de lapidação, além do facto de se situar num âmbito puramente mitológico – por isso, mais ligado a uma tradição literária do que à observação directa –, é impossível que se refira a esse mineral.

Em suma, a polissemia do substantivo ἀδάμας obriga a cuidados redobrados para a sua correcta tradução. Como vimos, o simples facto de se encontrar num contexto particular pode conspurcar por completo o seu sentido: por exemplo, traduzi-la por “diamante” num contexto mitológico será tão incorrecto como por “adamante” num mineralógico. Deste modo, proponho que se traduza por “adamante” em contextos mitológicos e metafóricos, e translitere em *adamas* sempre que o referente é mineralógico.

Bibliografia

- Caley, E. R. & Richards, J. C. (1956), *Theophrastus. On Stones*. Columbus: The Ohio State University Press.
- Cornford, F. M. (1937), *Plato's Cosmology: The Timaeus of Plato Translated with a Running Commentary*. London: Routledge & Paul Kegan.
- Farnell, L. R. (1965), *Critical commentary to the works of Pindar*. Amsterdam: A. M. Hackert.
- Halleux, R. (1974), *Le problème des métaux dans la science antique*. Paris: Les Belles Lettres.
- Harlow, G. E. (1998), “Following the History of Diamonds”, in G. E. Harlow (ed.), *The Nature of Diamonds*. Cambridge/New York: Cambridge University Press/American Museum of Natural History.
- Rowe, C. (1995), *Plato. The Statesman*. Warminster: Aris & Philips.
- Saint-Denis, E. de (1972), *Pline, l'Ancien. Histoire naturelle: livre XXXVII*. Paris: Les Belles Lettres.

RODOLFO LOPES

A INTERRUPÇÃO VOLUNTÁRIA DA GRAVIDEZ NO ROMANCE *QUÉREAS E CALÍRROE* DE CÁRITON

Quéreas e Calírore, o mais antigo romance da história da literatura ocidental, foi escrito por Cáriton de Afrodísias, cidade da Cária, localizada na antiga Anatólia, actual Turquia, no século I a.C.¹; é uma das fontes mais citadas, na História da Medicina, em relação ao aborto (interrupção voluntária da gravidez, na nomenclatura actual), na Antiguidade².

O romance, tendo surgido como género literário, como uma expressão menor, depois da glória da poesia épica e lírica, do teatro e da historiografia, era, na sua essência, constituído por histórias de tema ligeiro e sentimental, organizadas em prosa, seguindo um esquema estrutural flexível e utilizando uma linguagem acessível e despretensiosa, girando em torno de aventuras, terminando com um final feliz³.

Cáriton narra a história de Calírore, filha do general Hermócrates, vencedor dos atenienses na campanha contra a Sicília. Situa a acção do romance no início do século IV a.C. Calírore, uma jovem muito bela, casa com Quéreas, que, suspeitando da infidelidade dela, lhe dá um pontapé que a deixa inconsciente. Considerada morta, Calírore é sepultada viva, até que uns piratas, saqueadores de túmulos, a libertaram e levaram como escrava para a Babilónia onde casa com Dionísio, «o primeiro cidadão de Mileto e por assim dizer de toda a Iónia»⁴.

É antes de decidir aceitar o casamento que Calírore descobre que está grávida de Quéreas, o marido que ama. Esta situação coloca-a perante um dilema: interromper a gravidez ou deixá-la evoluir e deixar nascer o filho. No início, a primeira hipótese parece-lhe mais conveniente. Plângon, a escrava

¹ Cáriton, *Quéreas e Calírore*, tradução do grego, introdução e notas de Maria de Fátima de Sousa e Silva, Lisboa, Edições Cosmos, 1996, introdução, p. XIX.

² Konstantinos Kapparis, *Abortion in the Ancient World*, London, Gerald Duckworth, 2002, p. 3.

³ Sobre este assunto ver Maria de Fátima de Sousa e Silva, *Cáriton, Quéreas e Calírore*, introdução, pp. XI-XII.

⁴ Cáriton, *Quéreas e Calírore*, p. 29.